

## APRESENTAÇÃO

# A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO ÓDIO

*Camila de Lima Vedovello<sup>1</sup>*  
*Fabiane Cristina Albuquerque<sup>2</sup>*  
*Thayná Jesuina França Yaredy<sup>3</sup>*

A construção social de *monstros* (COHEN, 2000) e *bandidos* (MISSE, 2010), como uma antítese ao que é *humano, de bem*, atravessa a constituição dos Estados. Fanon (1968) já nos falava sobre o caráter maniqueísta e totalitário do mundo colonial, onde o colonizado era estabelecido como *maléfico, desumanizado*. Reelaborando essas leituras, Mbembe (2017) vê como a construção da desumanização traz a separação e cria uma falta de vergonha em estigmatizar e endereçar somente *aos nossos* a possibilidade de ser visto como um ser humano. É a produção de uma *classe de indesejáveis* que tornará possível redirecionar uma parcela da sociedade ao lugar da banalidade da violência e da morte, delimitada aos negros – e, também, a outros grupos considerados inferiores. Há também um *rancor*, nas sociedades contemporâneas (CHOMSKY, 2017) quando a rivalidade entre os trabalhadores no neoliberalismo faz sentir seus efeitos na vida cotidiana através de uma crescente competição. Significativas mudanças estruturais

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do IFCH/Unicamp. E-mail: camilasociais@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do IFCH/Unicamp. E-mail: fabcristbr@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Ciências Humanas e Sociais na Universidade Federal do ABC. E-mail: thaynayaredy@gmail.com

no mundo do trabalho são percebidas por Harvey (1993) que, aponta como esses *arranjos* de empregos flexíveis criam uma grande insatisfação trabalhista, gerando competição entre os trabalhadores, que começam a depreciar seus concorrentes, emergindo – pela concorrência acentuada – o racismo, sexismo, machismo, xenofobia (Harvey, 2018), sentimentos são cooptados por políticos como Donald Trump, nos EUA, Le Penn na França, Lega Nord na Itália e Jair Bolsonaro no Brasil, através de promessas de restituição de ordem e progresso.

Diante de um cenário de desmonte das condições sociais de vida, de um apelo mundial ao Estado mínimo e políticas neoliberais, o discurso securitário ganha força e visibilidade. Para Wacquant (2011) há uma guinada das sociedades, onde o avanço da repressão e punição, por parte do Estado, está ligado à difusão do projeto ideológico do neoliberalismo, ausentando o próprio Estado de questões importantes, ligadas ao bem-estar social.

A opinião pública vê a severidade penal como algo positivo e, ao mesmo tempo, vê algumas ilegalidades com maior indignação em detrimento de outras, principalmente as relacionadas às populações deserdadas e desamparadas, ou melhor, algumas *categorias-detritos* (WACQUANT, *op.cit*) que foram construídas justamente para aguçar esse olhar e esse sentimento de indignação, servindo de catalisadores dos problemas sociais. Sobre a construção dessas *categorias* em quem descarregar o ódio, Judith Butler (2004) bem lembra da construção de vidas suscetíveis à sensibilidade e ao luto social e as vidas construídas para serem violadas e exterminadas.

Dentre as políticas construídas a partir do ódio sobre grupos populacionais, em uma concepção neoliberal de competitividade extrema, podemos elencar o encarceramento em massa (WACQUANT, 2011; ALEXANDER, 2018); as políticas de extermínio pautadas por uma *neropolitica* (MBEMBE, 2018); assim como técnicas militares outrora utilizadas nas colônias, que criam hoje um novo urbanismo militar, organizando esse encarceramento em massa, a tortura e outros elementos que estão inseridos nas políticas de ódio (GRAHAM, 2016).

Todas essas questões apontam para como o ódio tem se construído, e os artigos que compõem este dossiê versam sobre as diversas construções

do ódio sobre as mais variadas vertentes e por autores de áreas distintas (História, Ciências Sociais, Psicologia Social e Educação).

De um lado, apresentamos três textos que debatem a supremacia branca, racismo e banalidade do mal, com André Nicácio Lima refletindo sobre uma nova narrativa, de caráter supremacista, que está sendo introduzida e disputando espaço com as narrativas históricas, buscando desacreditar e até mesmo reescrever a história do Brasil, em uma análise sobre a organização *Brasil Paralelo* e os discursos do escritor Leandro Narloch, que tentam pautar os conteúdos até mesmo dos livros didáticos, através de *negacionismo* histórico. Em outro artigo, ao tratar da supremacia branca, Pedro Carvalho Oliveira pauta as bandas de rock neofascistas do sul global, olhando em específico para bandas do Brasil, Argentina e Chile, demonstrando como o rock neofascista redireciona o ódio para grupos nacionais, como os nordestinos brasileiros, ou, de modo mais amplo, reelaboram uma descendência europeia que tenta conectar, nos tempos atuais, os grupos neonazistas latinos com os europeus, utilizando a música como modo de difusão. Por fim, Vinícius Oliveira Seabra Guimarães traz para nosso debate a construção da banalidade do mal em Hannah Arendt, demonstrando como, para a autora, a visão dicotômica do mal em detrimento de um bem, do estereótipo da maldade como praticada por um monstro, é errada. A maldade numa sociedade é cometida, sobretudo, por sujeitos que não criticam, não questionam e são superficiais. O mal é o contrário da profundidade, dos questionamentos e coincide com a cotidianização da vida, a adesão acrítica a suas normas e ao poder dominante.

De outro lado, apresentamos uma análise sobre as violências aos considerados *outros*, destinatários do ódio social, através do artigo de Aline Accorssi, Livian Lino Netto e Julia Rocha Clase, em que refletem sobre a representação dos jovens que ocuparam o Instituto Federal Sul-rio-grandense, de Pelotas, através de comentários em uma página do jornal local. Assim, as autoras identificam algumas representações dominantes nas falas ou comentários sobre estes jovens, tidos como imaturos, facilmente manipuláveis, e não como sujeitos políticos exercendo o direito à cidadania. Essas falas encontram respaldo no discurso público, inclusive do próprio presidente da República, Jair Bolsonaro, legitimando desde a per-

seguição aos professores a uma imposição de uma educação que busque enfraquecer a participação da juventude na política.

Finalmente, apresentamos a resenha de Evandro Cruz, que discorre sobre o livro *Ausências Incorporadas: uma etnografia entre familiares de mortos e desaparecidos políticos no Brasil*, de Desirée Azevedo, em que a autora realiza uma etnografia entre familiares de mortos e desaparecidos da ditadura civil-militar brasileira e as mobilizações desses sujeitos em busca de direitos, responsabilidades e construção de uma memória. A apresentação do livro, por parte de Evandro Cruz, passeia pelos capítulos do livro e nos traz o embate, debate e tramas entre familiares de mortos e desaparecidos pelo Estado e o próprio Estado, assim como a construção das vítimas – o delicado debate em torno do que chamamos de “vítimas do Estado no Brasil”.

Boa leitura!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Michelle. *A nova segregação: racismo e encarceramento em massa*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BUTLER, Judith. *Precarious life: The Powers of Mourning and violence*. London: Verso, 2004.

COHEN, Jeffrey Jerome. A Cultura dos Monstros: Sete Teses. in SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Pedagogia dos Monstros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CHOMSKY, Noam. Sistema neoliberal coloca trabalhadores uns contra os outros, diz Noam Chomsky. *Operamundi*. 4. Julho 2017. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/47491/sistema-neoliberal-coloca-trabalhadores-uns-contr-os-outros-diz-noam-chomsky>. Acesso em: 20/10/2018.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

- GRAHAM, Stephen. *Cidades sitiadas: o novo urbanismo militar*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- HARVEY, David. *A loucura da razão econômica: Marx e o capital no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MBEMBE, Achille. *Políticas da Inimizade*. Ed. Antígona. São Paulo. 2017.
- MISSE, Michel. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria” bandido”. *Lua Nova*, n. 79, 2010.
- WACQUANT, Loic. *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

